

SENSIBILIDADE E PERFORMANCES FEMININAS NAS FOLIAS DE REIS DE JOÃO PINHEIRO (MG)*

Maria Célia da Silva Gonçalves**

Resumo: o presente trabalho objetivou investigar as performances das mulheres nos rituais de Folias de Reis realizados no município de João Pinheiro (MG). Procurou-se descrever a participação das mesmas em grupos de folia masculinos, femininos assim como analisar o papel da rainha da festa, cozinheira, florista, enfim de todas que participam direta ou indiretamente do ritual. A metodologia empregada para a coleta de dados se assentou na utilização da Etnografia e da História Oral.

Palavras-chave: *Folias de Reis. Mulheres. Identidade.*

FEMALE SENSITIVITIES AND PERFORMANCES IN MAGI FESTIVALS IN JOÃO PINHEIRO, MINAS GERAIS

Abstract: *the present paper aimed at investigating the women's performances in the rituals of Folia de Reis wich are held in the municipal district of João Pinheiro (MG). It Tried to describe their participation in masculine and Folia de Reis groups, feminine as well as analyzing the role of the queen of the party, cook, florist, at last of all whom participate direct or indirectly of the ritual. The methodology used for the collection of data is based on the use of the Ethnography and of the Oral History.*

Keywords: *Folia de Reis. Women. Identity*

A FOLIA FEMININA EM JOÃO PINHEIRO (MG)

João Pinheiro é o maior município de Minas Gerais, localizado na porção noroeste do estado, ocupa uma região que faz parte dos “sertões” de Guimarães Rosa. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são 10.717 quilômetros quadrados e uma população de 45.229 habitantes (IBGE, 2010).

O município sempre se dedicou às atividades agrícolas, sendo que grande parte de sua população vivia na zona rural até a década de setenta do século passado, momento em que aconteceu a chegada



na região de multinacionais de reflorestamento, propiciando um verdadeiro êxodo dos moradores do campo em direção à periferia da cidade. Esse movimento de transmigração do homem do campo para a cidade é acompanhado por suas crenças, valores e religiosidades, que sofrem (re)elaborações para se adaptarem ao mundo urbano, entre as religiosidades que acompanharam essa população tem destaque as Folias de Reis.

Para estudar o significado cultural das Folias de Reis, acredita-se ser de grande importância a explicitação de um conceito de História, cujo significado seja comungado pela pesquisadora. Assim como Eleonora Zicari Brito (2001), percebe-se que a História é um fazer que se define sobretudo por formular perguntas; a questão a ser feita depende das condições de possibilidades na qual se inscreve o historiador:

História para mim é a captação de sentidos. Os sentidos são as formas que encontramos no passado, como no presente, de dar significado à realidade vivida e nela, às relações que estabelecemos. Ao historiador(a) cabe, nessa perspectiva, a tarefa de buscar os sentidos que as questões possíveis de formular permitem aprender. Pode parecer pouco. Mas não é. Afinal, sabemos desde sempre (mesmo quando não se quer admiti-lo), nenhuma história conta tudo (BRITO, 2001, p. 3).

O passado não determina a abordagem, o campo dos paradigmas que lhes adapta, deixando esta tarefa a cargo do historiador:

É nesse sentido que Joan Huizinga, refletido sobre as diversas formas assumidas pelo conhecimento histórico, considera que toda produção de conhecimento sobre o passado exprime um jogo entre duas culturas – a do historiador e a daqueles que são o seu objeto de estudo – pois cada cultura cria a sua própria forma de história. ‘O tipo de cultura determina o que é para ela, história, e como há de ser esta. Neste sentido toda produção histórica seria uma tentativa de aproximação entre formas diferentes (mas nem sempre tão diferentes) de ‘ler’ e ‘sentir’ o mundo, e não passaria nunca de uma pálida ideia do que foi o passado (BRITO, 2001, p. IV).

Nesta tentativa de “ler” e “sentir” o mundo das Folias de Reis, acredita-se ser o domínio da História Cultural o viés que melhor auxiliará nesta tarefa, pois Robert Darnton, em sua definição de História Cultural, escreveu que esta é uma tentativa de “mostrar não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam – como interpretavam o mundo, conferiam-lhes significados e lhes infundiam emoções” (DARNTON, 1986, p. XIII). Investigar a presença das mulheres nas Folias de Reis do Noroeste de João Pinheiro deverá ser uma busca para alguns significados dos gestos utilizado pelos foliões, um mergulho no oceano colorido de suas memórias, pois:

sujeitos comuns e anônimos ao serem trazidos para a cena histórica, através de suas memórias, mostram que preservam outros poderes, rompem com vários silêncios do passado e do presente. No caso tratarei aqui de relatos de entrevistados que abrem para uma reflexão de que a pertinência a uma cultura e o direito à memória e à história incluem-se nas relações de sujeitos com a construção histórica de espaços rurais e urbanos, que concebem a experiência como legado imemorial, transcendente, com excesso de significações (MAGALHÃES, 2001, p. 47).

Roger Chartier (1990) aponta os estudos das *representações sociais* como um caminho que leva ao entendimento e, conseqüentemente, a elaboração de sentidos que ajudam a construir a realidade, criando “práticas” que dão legitimidade às identidades sociais, pela institucionalização de algumas delas. Neste sentido, também escreveu Sandra Pesavento (2004, p. 39):

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotada de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.

A análise das representações na História Cultural refere-se às “classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço [...] historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas)” (CHARTIER, 1990, p. 27).



Portanto, a História Cultural volta-se também para os estudos dos processos com os quais se constrói um sentido, dirigindo-se às práticas que, de forma plural e contraditória, dão significado ao mundo. Justificando-se, portanto, o seu domínio para o estudo das performances nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG), por serem grupos que constroem e reconstróem identidades por meio da manutenção e ressignificação da sua cultura.

A religiosidade de um povo não se mede apenas pelas construções e edificações das grandes religiões, e interpretá-las é buscar ir além do imediatamente observável. Em suas raízes, a religiosidade popular carrega consigo elementos de tradição que a preservam diante das mudanças que toda sociedade enfrenta. Porém, uma coisa que me preocupa, pois se confronta com essas raízes: o avanço da “modernidade”, geradora de urbanização, dado que a mesma termina por afastar o homem da zona rural, de seu meio e, muitas vezes, de sua cultura. Como podemos observar na fala de Cléria Botelho:

[...] nos séculos XX e XXI, essa memória e essa imaginação populares são limitadas pelo pouco tempo que dispomos para o ócio. O homem desses séculos, sobretudo o cidadão, tornou-se escravo do tempo do relógio que regula a hora de pegar o filho na escola, de chegar ao trabalho, de ir ao supermercado (COSTA, 2001, p. 75).

Faz-se, portanto, mister o estudo desta religiosidade, que pode se perder no tempo com todo o seu universo simbólico dotado de importância para as raízes históricas do povo que a produz. Estudar as diferentes formas de construção desta religiosidade, suas capacidades de resistência e seus conflitos em função do avanço da modernidade se faz importante para entender as relações simbólicas entre as duas posturas e o futuro dessa religiosidade dentro do contexto socioeconômico e cultural vigente em nossa sociedade. Enfim, é buscar entender como pessoas ligadas a um catolicismo popular conseguem articular o seu campo simbólico fazendo apenas as concessões necessárias para a sobrevivência da sua cultura e, portanto, ressignificando-as.

Em João Pinheiro existem 52 ternos de Folia de Reis em plena atuação no município. Esses grupos são formados por homens (maioria) e algumas mulheres, que por ocasião do período natalino saem de casa em casa pedindo doações para a realização da festa anual de entrega e oferecendo as bênçãos de Santos Reis aos devotos. O contato inicial da pesquisadora como o grupo feminino aconteceu reunião da Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro, frequentada pela mesma no dia 07.10.2007. O grupo é composto majoritariamente por mulheres, embora entre seus membros seja possível encontrar várias figuras masculinas, os quais não veem o menor problema que o grupo seja chamado de “Folia Feminina”. Também foi possível mapear a existência de outro grupo feminino, hoje desativado, a Folia de Dona Dionísia, que, em entrevista realizada em 13.05.2009, justificou a sua pouca atuação devido a um problema de saúde que enfrentou e, segundo a foliã, esse estado dificultou a articulação dos membros e a realização dos giros nos últimos tempos.

De início, pareceu ser um fato singular de João Pinheiro a existência de grupos de folias exclusivamente femininas, mas à medida que a pesquisa de campo avançou foi possível constatar a existência de um grupo feminino na cidade de Vazante, município também localizado no Noroeste Mineiro. Em nenhuma outra literatura, quer seja em livros publicados, teses ou dissertações foi encontrado registro de grupos femininos nos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro ou Espírito Santo, exceção feita ao estado da Bahia, onde a literatura registra as Folias de Reis como manifestação cultural/religiosa de meninas.

As mulheres que compõem o grupo feminino são, em sua maioria, donas de casas e costureiras que atualmente trabalham para as confecções locais tendo, portanto, compromisso com uma carga horária de oito horas por dia de trabalho. Os homens do grupo “são um pouco mais livres”, como eles mesmos se definem: dois barbeiros, um estudante, um aposentado e dois trabalhadores rurais. Para se adaptar à jornada de trabalho e aos afazeres de dona de casa foi criada uma nova forma de fazer o giro. A folia feminina se reúne normalmente no final do mês de janeiro e início de fevereiro de cada ano, período que antecede o Encontro Anual de Folia de Reis em João Pinheiro, para fazer o giro pela cidade. Normalmente, o giro é realizado nos finais de semanas, privilegiando o sábado e o domingo à tarde. Diferente dos grupos masculinos locais, que giram por quase toda noite, o grupo feminino se



dispersa ao escurecer e, quando indagadas sobre o motivo de não girarem à noite, elas explicam que é a hora de preparar o jantar, de cuidar das crianças, enfim de retornarem aos seus papéis de mães e de donas de casa.

Outra diferença significativa na atuação do grupo feminino é o espaço onde é realizado. Enquanto os grupos masculinos se ocupam mais das áreas periféricas da cidade, os bairros mais pobres, o grupo da folia feminina gira, não exclusivamente, mas preferencialmente, pelo centro da cidade, embora boa parte do grupo resida nos bairros. Mas como Dona Adelaide¹ mora no centro da cidade e é em sua casa que ficam guardados os instrumentos do grupo, é de lá que parte o giro. O que também poderia ser explicado pelo papel de liderança da mesma no grupo, pois é ela quem decide as casas que serão visitadas e quais ruas serão percorridas pela procissão.

Por dois anos seguidos, a pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar esse giro da folia feminina, assim como um giro do grupo no Assentamento da Formiga². O giro no referido assentamento foi para pagar uma promessa da irmã da foliã Dona Adelaide. Na ocasião, ela disse ter passado por sérios problemas de saúde e ter recorrido aos Santos Reis e, como foi atendida, estava pagando a promessa. Esse giro aconteceu no dia 09.09.2008; o grupo de folia chegou ao assentamento por volta das nove horas da manhã em um veículo alugado para o transporte. Foram feitas as primeiras orações do dia pedindo a bênção a Deus, a Nossa Senhora Aparecida e aos Santos Reis, muitos foguetes foram estourados e uma farta mesa de biscoitos foi servida. Tudo com sabores das receitas tradicionais de Minas Gerais, pão de queijo, broa de fubá, bolo de fubá, biscoito de polvilho, e leite caramelizado, além de vários tipos de chás. Nesse momento, foi possível perceber uma diferença nas folias masculinas, pois quando da saída da folia é sempre servida cachaça. O grupo feminino de João Pinheiro não bebe álcool, pelo menos durante o giro. Esse grupo apresenta uma profunda ligação com a Igreja Católica, praticamente todos os seus membros participam de outros movimentos oficiais da Igreja, como Encontro de Casais com Cristo, Pastoral da Esperança e Conferências de São Vicente de Paula³.

Depois das orações, das invocações ao Espírito Santo e aos Santos Reis, o grupo se pôs a caminhar pelas quadras do assentamento. A festeira havia estabelecido um roteiro prévio das casas que receberiam a visita do grupo. Foi necessário fazer um mapeamento com antecedência, uma vez que no assentamento existem 54 famílias, não sendo possível ir a todas as casas. Outro fator a ser observado é que seis famílias do assentamento são evangélicas e não se interessam por receber o grupo.

O giro pelo assentamento foi feito pelo grupo dos 14 foliões, acrescido da festeira, de algumas outras moradoras locais, da pesquisadora e de muitas crianças. Como é de costume, a Alferes Dona Maria, com 63 anos de idade, é quem vai à frente e faz o primeiro contato com o dono da casa. Ela explica que se trata de uma Companhia de Santos Reis e que estão pagando uma promessa, pede permissão para entrarem na casa. Os moradores então convidam o grupo a adentrar em seus lares, onde é feita a cantoria. A capitã Edileusa explica que irá cantar apenas alguns versos da primeira parte da folia. Depois da esmola⁴, mais alguns versos de agradecimento, justificando que o giro será feito em apenas um dia e que são muitas casas a serem visitadas.

A chegada da folia nas casas é motivo de muita alegria para as famílias, sempre é oferecido aos foliões café e, em algumas casas, biscoitos. Esse ritual faz parte da peregrinação das Falias de Reis pelo município de João Pinheiro. A chegada da folia em uma casa implica em ofertar algo para se comer e beber e dar a esmola para os Santos Reis. Nesse giro pelo Assentamento da Formiga, 24 casas foram visitadas, foram doados muitos produtos da zona rural, como galinhas, porcos, ovos, feijão e pouco dinheiro, que posteriormente foram doados no Encontro Anual. Todos os anos a Folia de Reis feminina é uma das folias que efetua uma das maiores doações no Encontro Anual dos Foliões.

As doações em muito divergem daquelas do perímetro urbano. Em outro giro realizado no mês de novembro de 2008, o qual a Folia Feminina fez pelo centro da cidade de João Pinheiro, acompanhada pela pesquisadora, foram visitadas 12 residências e foi possível observar que no centro da cidade as doações são em sua maioria em dinheiro, pequenas quantias, como R\$5,00 ou R\$10,00, sendo doados também produtos como caixa de sabão em pó, sabonete e outros produtos de limpeza. Também se diferencia a maneira como as famílias recebem a Folia de Reis. Na zona rural, era percebida a alegria e a importância da visita para as famílias visitadas, fato que nem sempre



se repete na zona urbana. Outra diferença que se faz notar é que nas 12 casas visitadas na cidade, apenas uma ofereceu um cafezinho para os foliões, enquanto na zona rural todas ofereceram café, biscoito e até almoço para o grupo.

A diferença nas doações para as folias entre a zona rural e a zona urbana pode ser explicada pelas condições de acesso aos produtos. Enquanto na zona rural é mais fácil o morador ter em casa produtos como feijão, arroz, frangos, porcos, na zona urbana ele tem mais acesso aos produtos industrializados e a pequenas quantias em dinheiro. Quanto à forma de receber os foliões, na zona rural ainda se preserva muito da tradição, como oferecer alimentos, pousos⁵, atitudes próprias do *sertanejo* de João Pinheiro.

Os giros da zona rural em tudo se caracterizam como uma cultura *sertaneja*. Há uma grande preocupação com os foliões. A sociabilidade se evidencia na preocupação dos moradores em se reunirem para conseguir o quantitativo de colchões e cobertores, pratos e panelas para a realização dos pousos.

O giro na cidade sempre finaliza com a dispersão do grupo, enquanto o giro pelo Assentamento da Formiga, realizado pela folia feminina, terminou com terço rezado pelos foliões, acompanhado pelos moradores, seguido por muitos fogos e viva a Santos Reis! O terço foi “tirado” pelo folião Dionízio, ele fez o agradecimento a Deus e aos Santos Reis pelo milagre recebido pela festeira,

Augustíssima imperatriz do céu e da terra que estais na presença. Eu voz ofereço este terço como as demais orações que rezamos para mais vos agradecer pelo milagre alcançado pela dona da casa e nossa rainha. Em compromisso de uma devoção que voz pede, vos pedimos com grande necessidade corporal e espiritual são pontifício mal encomendado pelas almas do purgatório que por elas têm de servir e glorificar na eterna glória por todos os séculos dos séculos. Amém!⁶

Os presentes se reuniram na porta da sala, onde se encontrava um presépio com as imagens do Menino Deus, Nossa Senhora e os Três Reis. Nesse momento, houve um grande silêncio na casa da festa, foi possível perceber pessoas de olhos fechados, como se estivessem se comunicando com o mundo sagrado. A cozinha parou e os cozinheiros também participaram da oração. O terço seguiu lentamente, não havia pressa. Dionízio rezou os mistérios⁷ e, em seguida, os presentes rezaram um Pai Nosso e 10 Ave-Marias. O texto da oração foi performado⁸ com uma entonação de voz especial, o rezador e demais membros tinham uma postura ereta do corpo como se estivessem participando de um espetáculo.

Posteriormente, o folião Dionízio explicou à pesquisadora que a oração de agradecimento tem que ser feita com os “Mistérios Jubilosos”:

No primeiro mistério contemplamos com a Estrela do Oriente apareceu aos Reis Magos e lhes serviu de guia no caminho a Belém, ao encontro do Menino Jesus. Pai-Nosso [...] Ave-Maria [...] 10 vezes.

No segundo mistério contemplamos com a Estrela perdeu o seu brilho ao chegar em Jerusalém, e os Reis Magos, confusos, procuraram informações no Palácio de Herodes. Pai-Nosso [...] Ave-Maria [...] 10 vezes.

No terceiro ministério contemplamos como a Estrela ressurgiu após os Três Reis Magos terem passados por Jerusalém, e seguia diante deles, até que chegando parou sobre o lugar onde estava o menino. Pai-Nosso [...] Ave-Maria [...] 10 vezes.

No quarto mistério contemplamos com os Reis Magos entraram na Casa onde estava O menino com sua Mãe postando, adorando e abrindo os seus tesouros oferecendo como presente: ouro, incenso e Mirra. Pai-Nosso [...] Ave-Maria [...] 10 vezes.

No quinto ministério contemplamos como os Reis Magos foram avisados por divinas revelações, para que não voltassem a Herodes, seguiram para a sua terra por outro caminho. Pai-Nosso [...] Ave-Maria [...] 10 vezes⁹.

As festividades foram encerradas com um farto jantar, momento em que foi servido tutu de feijão, frango caipira, macarrão e almôndegas de carne, bem ao estilo das Festas de Reis em João Pinheiro. Nessa festa, como de costume não faltou a bebida alcoólica, muito apreciada pelos con-



vidados. Observa-se especificamente no caso da folia feminina que nenhum de seus membros fez uso da mesma.

Após esse jantar, houve o “bendito da mesa”, cantando da seguinte forma:

Bendito louvado seja	3
O Santíssimo Sacramento	Senhora Nossa concebida
Deus lhe pague a bela mesa	Sem pecado original
Deus lhe de Contentamento	Deus lhe pague a bela mesa
1	Deus lhe veja ou Altar
O Santíssimo Sacramento	4
Da puríssima Conceição	Indo do primeiro instante
Deus lhe pague a bela mesa	Se eu sei a menino Jesus
Dada de bom Coração	Deus lhe pague os seus agrados
2	La nos pés da Santa Cruz
Da puríssima Conceição	5
E também a Virgem Maria	Pai, Filho, Espírito Santo
Deus lhe pague a bela mesa	Menino Deus de Belém
Dada com muita Alegria	Digam todos que viva
	Para todos crerem! Amem ¹⁰

Logo em seguida, as pessoas que rezavam passaram então a dançar forró, promovendo o entrecruzar do profano e do sagrado¹¹. Como também observou Brandão em seus estudos sobre as Folias de Reis:

Acabada a “reza”, vem a “festa”. O “bendito da mesa” marca a conclusão dos momentos solenes e religiosos da cerimônia. Na mesma sala onde foi levada a bandeira e rezado o terço, foliões e convidados podem se dividir em mesas de “jogo de truco” ou, o que é mais comum, podem se organizar como um grupo de cantadores e dançadores de catira (BRANDÃO, 1985, p. 177).

Exatamente assim aconteceu no Assentamento da Formiga, depois das orações o forró tomou lugar na sala até as três horas da manhã. Os foliões cantaram desafios¹² e músicas caipiras; ou, como eles dizem, “modas de violas”.

O LUGAR DA MULHER NA FOLIA DE REIS: DISCUTINDO OS PAPÉIS SOCIAIS

De acordo com Peter Berger e Thomas Luckmann (1985), em seu trabalho clássico da sociologia do conhecimento, a realidade é socialmente construída. Na experiência da vida cotidiana, o ser humano partilha sua existência com os demais à sua volta, num processo de interações sociais (e, portanto, de interações comunicativas mediadas pela linguagem) que são fundamental para a produção de sentidos e de autossentidos. A socialização ocorre por meio da dialética interiorização-exteriorização:

A formação da consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade contínua e coerente. A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 179).

Seguindo essa linha de pensamento, é possível afirmar que as atuações das mulheres nas Folias de Reis decorrem dos papéis sociais estabelecidos e construídos socialmente na vida cotidiana. Quando se pensa o espaço feminino na Folia de Reis é necessário pensar a questão do gênero, que não é simplesmente o fato de ser, biologicamente, homem ou mulher, mas que é produto de uma construção social. De acordo com Gebara (2000), gênero é uma maneira de ser no mundo e, nessa maneira de ser, entra a forma como as pessoas são percebidas e condicionadas. Isto é, inclui o jeito delas agirem e o modo como elas se portam no mundo fruto de uma teia complexa de relações culturais.

Ao se pensar na existência do conceito de gênero, deve-se pensar a existência de um processo dinâmico em sua formação. Porque gênero deve ser visto como elemento constitutivo das relações



sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e como sendo um modo básico de significar relações de poder (SCOTT, 1990).

Ou, ainda, como informa Mattos (2000, p. 17): “os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são produzidas por símbolos, jogos de significação, cruzamento de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas”; portanto, ser mulher ou homem nas Folias de Reis de João Pinheiro. Esse lugar não resulta apenas das condições físicas e biológicas, mas também das condições sociais e culturais do papel atribuído a cada ator social na região.

Dessa maneira, parafraseando Guacira Louro (2003), a discussão sobre gênero tem por objetivo combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar caminhos para a transformação dos paradigmas estabelecidos em torno da relação homens/mulheres na sociedade, o que possibilita repensar e discutir essas participações sociais seja no espaço da Festa de Reis, seja nas relações afetivas, ou estabelecendo novas relações entre a subjetividade do outro e a nossa, respeitando as semelhanças e diferenças, mas acima de tudo propondo-se ao diálogo com essas diferenças.

Fontoura (1997), ao pesquisar a Folia de Reis de Uberaba, enfatiza que as pessoas que dão sustentação à festa fazem parte da *Folia Invisível*. São elas que trabalham na cozinha, na decoração das casas, fazendas ou sítios, dos arcos e altares. De acordo com a autora, nessa *Folia Invisível* a grande maioria é de mulheres. São pessoas responsáveis pela organização, preparação, mas não aparecem nos lugares públicos da festa.

Pessoa (1999), ao estudar a Folia de Reis das Lages, no estado de Goiás, discute os papéis feminino e masculino, fazendo uma relação dos mesmos com os espaços ocupados dentro da casa e nos espaços públicos. Ainda de acordo com o autor, a folia acontece num espaço eminentemente masculino (salas, estradas, roçados, pastagens) que não são permitidos às mulheres. Por isso, nenhuma das funções fixas é (ou era, no seu universo de pesquisa) ocupada por mulheres e o referido autor chega a definir a Folia de Reis como um grupo itinerante de homens devotos.

Daniel Bitter (2008, p. 75) também relata a separação entre os papéis masculino e feminino nas Folias de Reis do Rio de Janeiro:

Ao longo do dia, muitas tarefas têm de ser realizadas e são divididas entre homens e mulheres. Aos homens cabe transportar todas as coisas necessárias. É sua tarefa também cuidar do espaço físico da festa, o que envolve limpeza, checagem de instalações elétricas e hidráulicas, instalação da cozinha, arrumação das mesas e cadeiras etc. Muitas tarefas são coletivas, mas nem sempre se dão de forma harmoniosa. Às mulheres cabe coordenar os trabalhos da cozinha, como lavar, cortar e preparar os alimentos, como também servir os pratos de comida e lavar a louça, trabalho intenso e levado a cabo por cinco pessoas. São elas também que cuidam das fardas dos foliões, chapéus, toalhas e outros apetrechos.

Essa divisão de serviços é pautada na construção social de gênero comum na região de João Pinheiro. Assenta-se na ideia de que há “serviço de homem” e “serviço de mulher”, cabendo às mulheres a cozinha e a organização da festa, embora timidamente comecem aparecer exceções à regra. Durante a pesquisa, foi possível encontrar essa inversão de papéis: homens na cozinha e mulheres na folia. Em um estudo clássico sobre as Folias de Reis, Porto (1982, p. 50) afirma que “de modo geral, não se admite a presença de mulher numa folia. Abrem-se exceções para o caso de promessas, quando, então, a mulher é admitida como acompanhante, sem direito a cantar, nem tocar instrumento”.

O mesmo autor justifica a ausência das mulheres nas Folias de Reis:

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, diz outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (PORTO, 1982, p. 54).

No entanto, apesar de a grande maioria dos participantes da folia constituída por homens, percebe-se que esta realidade está sofrendo mudanças nos últimos tempos (pelo menos no município palco desta pesquisa). Isso se evidencia nas apresentações dos grupos de folias que participam do Encontro Anual dos Foliões, que têm acontecido na Associação dos Foliões de Santos Reis de João Pinheiro. Nessas apresentações, registra-se cada vez mais a presença da mulher. Em algumas delas, as



mulheres cantam, tocam instrumentos e carregam a bandeira, sendo maior a atuação da mulher como alferes, ou seja, a porta bandeira da folia.

Nas demais Folias de Reis de João Pinheiro, percebe-se que há também uma inclusão das mulheres. A bandeira tem como portadora ou alferes uma mulher que passou a fazer parte dos grupos e acompanha todo o giro da folia apesar de não estar cumprindo promessa. Uma mulher é também condecorada como festeira e recebe a coroa na noite da entrega da folia, tornando-se a Rainha da festa. Em alguns grupos, como é o caso da Folia do João Timóteo “a re-quinta” (um tom alto e fino que finaliza os versos) é também performado por uma mulher. Algumas mulheres tocam instrumentos como o pandeiro e o reco-reco. Durante o processo da pesquisa não foi encontrada mulher alguma tocando viola, violão ou acordeons.

Sobre a participação feminina na Folias de Reis, Padre Preguinho observou que:

Nós estamos vendo agora que tem folia feminina, tem mulher cantando junto dos homens, quer dizer a folia não é coisa do passado e ela entende isto. É coisa do presente e até mais do que outras coisas. Está acolhendo mulheres como capitã, mulher como ajudante, coisa que não podia, no passado não podia, de hoje é normal, então a folia está entendendo uma dinâmica muito mais forte do que a própria Igreja que ainda restringe aos homens a sua oficialidade, na folia tem mulher capitã, tem mulher que está lá no meio dos homens. Então isto para mim é um avanço muito grande, é sinal de que a folia no fundo ela está entendendo essa mensagem de passar e outra que folia ela é boa porque ela é festa de povão, mas ela é festa de família, não tem penetra em folia, é o grupo, né?¹³

No entanto, estar na folia e desempenhar nela um papel pode significar uma forma de inclusão das mulheres, porém isto não as isenta da responsabilidade de um papel que foi gestado socialmente e tradicionalmente para elas. Algumas das mulheres que acompanham o giro, participam de uma parte da jornada porque na outra parte do dia devem cuidar da organização da casa e cumprir a responsabilidade delegada a elas que é a de nutrir a família e cuidar dos filhos. Pois, “programar a alimentação, dividi-la, guardá-la para que sirva a toda a família é uma responsabilidade e uma angústia próprias às mulheres” (GEBARA, 2000, p. 50). Segundo a autora, o mal não está no tipo de trabalho que é executado, mas na imposição e determinação de um papel que se torna um destino ou que é tido mais conforme a “natureza” da mulher.

OS SABERES FEMININOS NA REALIZAÇÃO DA FESTA

A Rainha da Festa de Reis

Juntamente com o Rei, a Rainha é uma figura extremamente importante na festa e responsável pela sua continuidade, organização e provimento. Eles são também responsáveis pelo preparo da festa e, principalmente, pelos recursos financeiros gastos. Em algumas das 56 festas frequentadas pela pesquisadora, não havia a presença do Rei e da Rainha, o que indicava desinteresse de outras pessoas da comunidade em realizar a festa do ano seguinte. A Folia de Reis é um ritual carregado de simbolismo e ser Rainha é um papel extremamente importante na realização da festa. Normalmente, as mulheres em João Pinheiro adquirem esse *status* transitoriamente, por um ano, por meio de uma promessa a Santos Reis.

A promessa é feita para a obtenção de uma graça. No caso desta pesquisa, os narradores ouvidos sempre indicavam problemas de saúde, como o motivo gerador da promessa e, conseqüentemente, da festa. Esse foi o caso de Lázara Eustáquia Landi, 59 anos de idade, costureira, que realizou uma Festa de Reis no dia 26.05.2009. Durante o preparo da festa, ela relatou à pesquisadora a seguinte história:

Descobri uma pequena mancha em meu corpo. Procurei o Dr. Geraldinho que me deixou muito assustada dizendo que aquilo era característica de câncer, tirando um pequeno pedaço e mandando para biopse. Eu fiquei um pouco preocupada, mas não pensei que era tão sério. Então quando chegou o exame foi uma tristeza danada, meus filhos ficaram muito tristes, afinal eles tinham acabado de perder o pai. Ai então eu pensei, não é de ser nada. Santos Reis vai me curar. E logo em seguida eu fiz a promessa que se eu ficasse curada eu faria uma grande festa para Santos Reis. Ai, então os médicos de João Pinheiro me encaminharam para Belo Horizonte para fazer outros exames e começar aqueles tratamentos com quimioterapia. Sabe? Eu fui muito



tranquila, já sabia que não ia precisar desses tratamentos. Meu filho já estava mais confiante, ele acredita muito em Santos Reis. Ele falava mãe não vai dar nada, a senhora vai ver. Em Belo Horizonte foi feita uma nova biopse. A minha filha foi buscar o resultado e quando ela abriu o envelope ela perdeu a voz, depois pegou o telefone e ligou para o irmão, então ele falou eu já sabia, Santos Reis curou a mamãe! E foi por isso que eu peguei a coroa e hoje sou a Rainha da festa.¹⁴

A festa realizada por Dona Lázara Eustaquia aconteceu na cidade, no Bairro Papagaio. Foi feita a interdição da rua, sendo grande parte dos moradores do bairro se fez presente. De acordo com a filha da festeira, foram abatidos para a festa cinco vacas, três porcos e centenas de frangos. Houve a chegada da folia com as cantorias em agradecimento ao milagre alcançado pela Rainha. Posteriormente, foi rezado o terço pelos foliões, seguido pelos presentes na festa, sendo esse um momento sagrado da mesma.

Durante a sua entrevista, Dona Lazara fez questão de buscar em outra casa do bairro os dois exames, para apresentá-los à pesquisadora, um de resultado positivo e o outro de resultado negativo, os quais, na sua concepção, comprovam o milagre de Santos Reis. Nas suas palavras, “vou te mostrar os dois exames, um que falava que eu tinha câncer e o outro que prova o milagre de Santos Reis, lê aqui negativo, portanto me sinto muito honrada sendo a rainha da festa”.

Esse também foi o caso de Ilda Machado, mais conhecida como Ilda do Moisés, 53 anos, dona de casa que realizou no dia 05.10.2010 uma Festa de Reis na Fazenda Retiro, de sua propriedade na zona rural do município de João Pinheiro. Nas suas palavras:

O motivo desse evento é que o meu esposo adoeceu, ele arrumou um tumor no pulmão e ele fez uma tomografia computadorizada em Patos e os médicos constataram que era um tumor maligno ai como a cidade toda ficou rezando pra ele a minha mãe fez uma promessa para ele. Se ele fosse curado ela ia fazer uma festa pra agradecer o milagre a Santos Reis. Ai como infelizmente a gente demorou a pagar a promessa a minha mãe faleceu, ai nós estamos aqui pagando a promessa que ela fez. Ele recebeu a graça e foi curado e não precisou fazer a cirurgia, então esse é o motivo do evento.¹⁵

Normalmente, uma mulher, se torna Rainha assim como os homens se tornam Reis de uma Festa de Reis por uma graça recebida e, em agradecimento a Santos Reis, é realizada a festa. No caso da Ilda, a festa reuniu por volta de mil convidados, contou com a presença de um trio elétrico (caminhão de som). Um restaurante da cidade foi contratado para fazer a comida e a bebida foi vendida. Diferenciou-se assim, da tradicional cozinha da Festa de Reis de João Pinheiro, onde é feita a comida de forma artesanal e por meio de mutirão de cozinheiras. Essa nova forma de preparar os alimentos da festa evidencia as transformações dinâmicas que a mesma vem acontecendo para se adaptar ao mundo urbano e do trabalho. Embora com a presença do novo na festa da Ilda, as características principais de uma Festa de Reis foram mantidas. Todo o ritual da folia e do Rei e Rainha passaram pelos arcos de flores, os versos foram cantados sem pressa. Um longo terço foi rezado depois da cantoria e a Rainha fez um pronunciamento agradecendo a Deus e a Santos Reis o milagre obtido. Como enfatiza Bonesso (2006, p. 348),

A passagem pelos arcos tem significações diferentes de folia para folia, de folião para folião e até para os devotos acompanhantes das folias. Muitas vezes, esse ritual é extremamente importante para a vida das pessoas que estão cumprindo o voto.

Mas na festa em questão não houve o ritual da passagem da coroa, condição explicada pelo capitão da folia: “ninguém vai fazer essa festa no ano que vem!”

Muitas são as festas que ainda cultivam o ritual de passar a coroa, sendo essa uma prática muito comum na zona rural de João Pinheiro. Nas comunidades das Almas e na Fazenda Boa Esperança, também conhecida como Fazenda Facão, há listas de pessoas para pagar promessas, que desejam, portanto, tornarem-se reis e rainhas. Tamanha é a procura pela coroa que, para atender a todos, os capitães dessas folias optaram por criar uma festa extra no mês de julho. O Capitão da Folia das Almas informa:

Já temos marcados os reis e rainhas daqui até Julho de 2016. É Janeiro e Julho! E é tudo como você está vendo aqui, um festão mesmo! Vem o pessoal da região, do JK, de João Pinheiro. Nossa festa é famosa, graça a Deus vem muita gente! E todo mundo quer ser rei e rainha. O que não falta aqui é o festeiro do ano que vem!¹⁶



A Cozinheira da Festa de Reis

Outro papel feminino muito importante na realização da Festa de Reis é a figura da cozinheira, que é extremamente valorizada. Não se torna cozinheira do dia para a noite, normalmente essa arte é fruto de uma tradição, que é repassada de mãe para filha através da oralidade e da experiência do vivido cotidianamente na realização da festa.

A cozinha, nessa pesquisa, não é pensada apenas como lugar de preparo de alimentos, mas, principalmente, um espaço social, onde, e em torno do qual, homens e mulheres estabelecem relações cotidianas, revelando redes de sociabilidade intracomunitárias em um uso coletivo do espaço doméstico da festa. Diante disso, indaga-se: Como é constituído o conjunto de relações que acontecem em torno da cozinha da festa de reis? Qual o papel das mulheres? Esse é um trabalho exclusivamente feminino?

Na perspectiva de Michel Certeau (1996, p. 287),

a língua usada para falar de cozinha abrange quatro domínios distintos de objetos ou de ações: os ingredientes que são a matéria-prima; os utensílios e recipientes, como os aparelhos de cozinha, batedeiras, liquidificadores etc.; as operações, verbos de ação e descrições do hábil movimento das mãos; os produtos finais e a nomeação dos pratos obtidos.

Em todo esse ambiente da arte de cozinhar, há díspares funções para homens e mulheres. Nas festas de reis de João Pinheiro também não é diferente. Mesmo sendo um ambiente considerado “feminino”, admite-se a presença masculina, embora seja relevante observar que nas 56 festas frequentadas pela pesquisadora, o papel de condução da cozinha era feminino. Os homens tinham um espaço específico, mexer e carregar a comida nas grandes panelas, matar as vacas ou os porcos, cortar a lenha, uma vez que em 55 festas foi possível observar a utilização do fogão à lenha. Apenas em uma das festas optou-se pela utilização de fogão industrial.

O saber fazer biscoitos retira Dona Maria da invisibilidade, atribuindo-lhe o papel de condutora da cozinha da festa. Nesse espaço, afloram as memórias de uma infância distante, a qual ela compartilha com a pesquisadora e com todos os presentes na cozinha:

Quando eu era menina, eu acompanhava a minha mãe e minha avó para as festas de reis, nós morávamos ali, no Assentamento do Segredo. Você sabe onde é? Minha mãe era muito boa para cozinhar, quando algum fazendeiro marcava a festa ele já avisava a minha mãe. Eles falavam, olha Dona Cotinha, não tem cozinheira como a senhora aqui na redondeza e como eu recebi um grande milagre de Santos Reis eu quero fazer uma festa muito bonita, então a senhora vai para cozinhar. Minha mãe nunca recusava o convite, mesmo quando nós éramos pequenos, eu e meus irmãos, nós íamos assim mesmo. Me lembro como se fosse hoje de dormir, pequeninha, num colchão de palha debaixo da mesa para ninguém me pisar [Risos!]¹⁷

Dona Maria continua falando das suas memórias da infância, lembrando de que quando ainda pequenina partilhava com a mãe o espaço da cozinha na festa, observando o preparo da comida. Demonstra habilidade e conhecimento no preparo dos pratos e liderança nos trabalhos realizados na cozinha, sendo este um saber fazer importante no sucesso da festa. Mesmo dando a entrevista, ela não se descuida das panelas e dá ordens: “Adalberto mexe a carne no fogo aí para mim, muito cuidado para ela não sapecar e cuida desse fogo, se não vai ficar com cheiro de fumaça”¹⁸. Ordem prontamente acatada pelo auxiliar de cozinha, Adalberto. Dona Maria segue amassando os biscoitos e relatando sobre a arte de cozinhar, evidenciando o seu papel e em alguns momentos fala sobre o masculino na cozinha da festa de reis:

Sabe? Cozinhar é um dom de Deus e de Santos Reis, a gente precisa pôr esse dom em prática, para a glória Deles. Minha mãe não gostava muito de fazer biscoito não, mas minha avó Zequinha era uma biscoiteira de mão cheia. Muito requisitada para as festas de Santos Reis e também de São João, você sabe, aqui em João Pinheiro o povo gosta muito de rezar terço de São João. Você precisa vir no nosso aqui na Ruralminas¹⁹. Menina, mas é biscoito que não acaba mais, eu que lidero o grupo que faz. Não falo que eu que faço sozinho, pois tenho muita ajuda. Ai de mim se não fossem os homens. Principalmente para fazer os biscoitos, gasta tanta lenha e eles cortam e carregam a lenha, me ajuda a esquentar os fornos. Aqui nós assamos tudo em forno de barro, não é igual na padaria não. Quero que você experimente a rosca que eu faço, ela é do jeitinho que minha avó fazia. Tem que sovar bem, depois coloca para crescer no sol, eu ponho uma erva doce, você precisa ver que delícia.²⁰

A preocupação de Dona Maria com os ingredientes dos biscoitos vai em direção ao que Michel de Certeau (1996, p. 296) escreveu:



[...] o trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição-gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos.

E ela continua, “sabe hoje nós usamos o fermento químico, minha avó fazia o próprio fermento, eu experimentei esse aí e gostei muito do resultado”. Nesse momento, ela grita para o ajudante: “Adalberto traz uma rosca quentinha para a professora! Experimenta menina! Não é porque fui eu que fiz! Mas está muito boa! Olha como cresceu! E o cheiro [...]”²¹.

Dona Maria demonstra um enorme prazer em cozinhar, uma grande satisfação em ver os biscoitos crescendo ao sol. Apesar de sua idade, não demonstra cansaço, pelo contrário, tem um sorriso estampado nos lábios que contagia toda a equipe da cozinha e os visitantes, lembrando as palavras de Certeau (1996, p. 297):

As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero, nunca deixam de celebrar as festas dos grandes e dos pequenos, dos sensatos dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres que compartilham o viver (no mundo) e couvert (à mesa). Gestos de mulheres, vozes de mulheres que tornam a Terra habitável.

Dona Maria é uma boa cozinheira, com seu trabalho na cozinha transforma o “milagre de Santos Reis” em sabores mineiros tão apreciados pelos devotos e demais participantes da festa.

Outra cozinheira que também colaborou com a pesquisa é Dona Zinha, 65 anos de idade, aposentada, mas que sempre foi cozinheira da Festa de Reis da Comunidade das Almas, distrito de João Pinheiro. Ela também afirma que é cozinheira desde criança, quando acompanhava a sua mãe às Festas de Reis da região. Nasceu e cresceu na comunidade onde vive até hoje. Atualmente, quando um festeiro vai organizar a folia sempre a consulta para saber sobre sua disponibilidade para dirigir a cozinha. Mesmo se tratando de um trabalho pesado, ela não deixa de atender ao convite, pois entende que tem um dom divino, inspirado por Santos Reis. Percebe-se em seus relatos que a sua função na Folia de Reis lhe traz certo status privilegiado, proporcionando-lhe o respeito do grupo, por ser portadora de um conhecimento importante na realização da festa, saber esse que lhe proporciona o sentimento de pertencimento ao grupo, cria identidade e lhe tira da invisibilidade social. Como observa Bourdieu (1996: 106): “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”. Dona Zinha é muito respeitada na comunidade, como relatou em Julho de 2008, o festeiro João Batista:

Dona Zinha é um tesouro de cozinheira e está aqui me ajudando tem uma semana, ela fez uns doces maravilhosos! Ela trabalha muito mais que as mocinhas. Se você ficar até de madrugada vai ver! Aqui nas Almas nós servimos o doce é de madrugada para combater a tuntura do povo! [Risos]. Temos outras cozinheiras para aprender com Dona Zinha, ela precisa ensinar, porque sozinha é muito trabalho, ela já tá de idade, né? Sabe com é!²²

E Dona Zinha segue manuseando as panelas e preocupada com o ponto de cozimento do macarrão, demonstrando que conhece como ninguém a arte de cozinhar: “*cuidado gente! O macarrão tem que ficar um pouco duro, porque até na hora de servir ele estará no ponto*”.

Pensando como Certeau é possível afirmar que,

saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha. Este texto tem sua língua e seu corpo de referência, como todo tem seus segredos e suas conveniências – todo um saber ‘bem entendido’, que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar (CERTEAU, 1996, p. 287).

O saber fazer, o ensinar, o prazer em fazer e a fé ficam evidentes também na fala de Almezina Rosa, responsável pela cozinha do Encontro Anual de Folia de Reis em João Pinheiro:

Tenho 65 anos de idade e estes dias nos cozinhamos 4 vacas, 140 kg de arroz, uns 80 de macarrão, 80 kg de feijão e 01 capado. Não foi muito difícil, não sei se é porque a gente trabalha com gosto e amor, com



muito amor, tem 06 anos que eu venho ajudar aqui na cozinha! Eu tenho muita fé em Santos Reis, como eu gosto de Santos Reis [...] eu venho com o maior prazer, eu começo a trabalhar 05 horas da manhã, tem dia que vou até as oito da noite e com a maior alegria e o maior prazer. Você precisa ver a alegria todo mundo trabalhando naquela união, não tem cara feia, não tem nada, aqui é bom demais. Com fé em Deus, Nossa Senhora e Santos Reis no ano que vem estamos aqui de novo.²³

Uma das auxiliares de Dona Almezina é sua filha Joana Rosa de Jesus, 45 anos de idade, que afirma sempre acompanhar a mãe às festas e também enfatiza o seu papel na realização das mesmas. A arte de cozinhar pode ser aprendida em família por meio do repasse oral de uma geração para outra, assim como pela convivência em comunidade com outras pessoas, que não são necessariamente familiares. Mas a religiosidade, a fé em Santos Reis aparece em todas as entrevistas como o grande motivo para doação e entrega ao trabalho. O motor que move a cozinha da festa é o mesmo que move as cantorias e as orações: o religioso. Isso fica evidenciado na fala dos(as) cozinheiros(as) entrevistados:

Eu sou Mariana, tenho 55 anos de idade e sou trabalhadora rural, deve ter uns 40 anos que ajudo nas cozinhas das festas de Santos Reis e aprendi mexendo nas festas com o povo. Trabalhar nas Folias de Reis é a coisa mais importante que eu acho. Eu sou muito devota de Santos Reis. Já fiz a festa duas vezes e pretendo fazer mais. Eu não acho o trabalho da cozinha pesado. Hoje a gente vai fazer arroz, mandioca, pelota, carne de porco, macarronada, feijão tropeiro.²⁴

Eu ajudei pouco só umas quatro festas só. Tô começando agora, mas se Santos Reis me der forças, ainda vou cozinhar muito nas suas festas.²⁵

Eu sou Maria Aparecida, tenho 52 anos de idade e já tem uns trinta anos que eu ajudo em folias. Eu era da folia feminina, já te conheço, fazendo o seu trabalho [referindo-se à pesquisadora] parei de cantar na folia feminina, mas para mim é a melhor coisa que existe, né? Só a união que a gente tem trabalhando é a melhor coisa que tem. É trabalhoso, mas Santo Reis dá força para todo mundo. E todo mundo trabalha com vontade. Todo mundo feliz mesmo.²⁶

Os depoimentos dos entrevistados evidenciam a disposição para o trabalho. Disposição essa gerada pela fé em Santos Reis. Todos são unânimes em afirmar que se trata de um trabalho árduo, mas que o Santo dá forças. Talvez aí esteja a grande importância da cozinheira, mesmo preparando os pratos típicos da cozinha mineira, não se pode negar o tamanho de seu trabalho. Cozinhar para até 1000 pessoas de uma só vez, não constitui tarefa fácil.

A Arte da Florista

A arte de fazer as flores de reis está se perdendo em João Pinheiro? As festas de reis ainda utilizam das flores artesanais para sua decoração? Quem confecciona essas flores? Como e com quem aprendeu essa arte? O que mudou e o que permaneceu no tocante às decorações das festas?

Uma das grandes preocupações dos festeiros (Rei e Rainha) é a preparação do ambiente para o ritual da folia. Para essa decoração, são usados arcos, galhos de flores, coroas, laços de fitas, correntes de papel, além do presépio. Certamente, os adereços atribuem *status* ao festeiro. A rica decoração demonstra gastos com os papéis, as flores e os santos, que pode ser os Santos Reis e Nossa Senhora Aparecida, já que é muito comum a devoção à esta santa em João Pinheiro.

No passado, toda essa decoração era elaborada por mulheres (floristas), detentoras de um saber muito valorizado, a arte de fazer flores. Esse conhecimento normalmente era transmitido de uma geração a outra por meio da oralidade e da experiência, do vivido. Atualmente, observam-se, em João Pinheiro, duas maneiras distintas de prepararem as casas das festas. Quando se trata de uma festa na zona rural as flores e a decoração ainda são confeccionadas de forma artesanal, enquanto as festas na zona urbana utilizam as flores de lojas produtos de baixos preços e balões. Isso demonstra a grande dinâmica e a capacidade de adaptação das Folias de Reis para a sua sobrevivência no mundo urbano.

Diferente do que acontece na zona rural, onde as flores ainda são confeccionadas de forma artesanal, na Comunidade das Almas a florista é dona Tininha, que se orgulha de fazer as flores para a festa desde os tempos de menina:



Eu ajudava a minha mãe e foi com ela que aprendi! Nós sempre íamos para a casa dos festeiros dias antes das festas, para fazer todas as flores. Depois minha mãe morreu, então o povo passou a me chamar para fazer os arcos e as flores.²⁷

Segundo a entrevistada, seus saberes sempre foram muito valorizados pela comunidade e ela se sente muito orgulhosa em poder prestar um serviço aos Santos Reis, uma vez que lá só ela sabe fazer flores no local. Saber esse que atualmente está repassando para a sua neta, uma garota de sete anos de idade, que a acompanha em todas as festas e a ajuda a amarrar os galhos de flores, a colar as correntes de papel.

Outra entrevistada, Dona Maria Terezinha da Silva, igualmente evidencia seu papel na organização das Festas de Reis em João Pinheiro:

As floristas eram poucas, porque moravam aqui na roça e a cultura era pouca. Para te falar a verdade nesses sertões aqui era só eu! Então quando alguém pegava a coroa já vinha falar comigo, vinha me fazer os convites para fazer as flores da festa. Eu fazia flores para ganhar um dinheirinho, mas as flores de Santos Reis eu não cobrava não!²⁸

A discussão do conceito de identidade se torna fundamental para compreender a construção do sentido e compreensão da própria existência enquanto indivíduo e como pessoa inserida na sociedade. A palavra identidade surgiu do latim *identitas*, que significa “idem”, “o mesmo”. De acordo com Ferreira (2004), identidade pode ser considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se constitui, estando em constante transformação e construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta. Nessa perspectiva, Dona Maria Terezinha se sente importante em relação à comunidade por ter um conhecimento específico, fazer flores e ser a única. É possível compreender essa construção da identidade de florista como um processo dinâmico em torno do qual o indivíduo se referencia, constrói a si e ao seu mundo e desenvolve um sentido de autoria, ou seja, faz o caminho de autoconscientização, tornando-se sujeito e artífice na sua própria história. E Dona Maria Terezinha, consciente de sua importância como florista na região continua:

Eu penso que o povo gostava do meu serviço, porque sempre me chamava para enfeitar as festas. Quando eu era solteira eu ia para as casas das festas e ficava muitos dias. Lá a gente fazia flores para os arcos. À vezes era três arcos, um lá na porteira de entrada da fazenda, outro no curral e um por cima da mesa dos foliões. Fazia os galhos dos festeiros, fazia a coroa do Rei e da Rainha, fazia as flores para cada convidado. Você sabe? Convida para o ano que vem dando uma flor de Santos Reis. Depois eu casei e tive as meninas, então o povo levava para eu fazer lá em casa. Era uma dificuldade com as meninas pequenas, mas eu passava muitos dias picando papel crepe e fazendo flores, aí eu ia no dia só pra enfeitar. Pra você ver como era importante o meu trabalho, mesmo com as meninas pequenas eu tinha que fazer as flores, pois não tinha outra pessoa. Era eu mesma!

Dona Maria Terezinha é possuidora de um conhecimento que faz parte da cultura popular de João Pinheiro, a arte de fazer as flores de Santos Reis. Para Brandão, a melhor maneira de se compreender a cultura popular é por meio da religião, pois para ele “é ali que ela aparece viva e multiforme, existindo em um estado constante de luta por sobrevivência e autonomia” (BRANDÃO, 1986, p. 15). A cultura popular, portanto, assume a figura, ou melhor, o contexto da religião popular.

Dona Maria Terezinha deixa claro que a fé era o motivo dela deixar os seus afazeres domésticos e se dedicar à decoração das casas das festas quando afirma que “hoje não tem mais o mesmo entusiasmo, quase não vou às festas, porque estou muito velha, mais sei que as festas usam as flores de R\$1,99 [...]”²⁹ Antigamente era a diversão e a fé do povo do sertão!”

A Mulher Alferes

A figura da mulher alferes na Folias de Reis de João Pinheiro aumenta a cada ano no Encontro Anual de Folia de Reis, promovido pela Associação do Folião de João Pinheiro. Também conhecido como bandeireiros(as), de acordo com Porto (1982, p. 19):



a sua função consiste em carregar respeitosamente a Bandeira, apresenta-lhe ao chefe da casa onde a folia acaba de chegar, e recebe os donativos oferecidos pela família. Às vezes, o encargo de recolher a oferta é dado a uma pessoa diferente do porta-bandeira, mas é comum a função ser exercida pelo bandeireiro.

Embora nenhuma das entrevistadas sinalizassem para uma “luta entre os sexos”, é notória a presença feminina nas Foliás de Reis pinheirenses. Normalmente, os entrevistados percebem as folias como espaço de sociabilidade, de convivência em família, e principalmente de exercício de suas religiosidades. É o caso de Dona Maria de Lourdes, alferes da Folia da Ruralminas II:

Aqui na Ruralminas II ainda se faz o giro do dia 24 de Dezembro ao dia 05 de Janeiro, os homens todos vão. Quando os meninos eram pequenos eu não ia não, mas agora que eles cresceram, eu vou! Prefiro ir para acompanhar o meu marido do que ficar em casa sozinha. Outra coisa, quando o meu menino era pequeno, um dia ele sufocou e ia morrendo, então eu gritei socorro aos Santos Reis e fui atendida. Então eu acho que eu tenho essa dívida com ele, por isso eu acompanho a folia. E é muito bom, todo mundo me trata com muito respeito, como no nosso grupo quase não tem bebedeira é uma bênção! Os mais velhos gostam muito e fala Lourdes você põe ordem no povo! Quando você ta o respeito é outro!³⁰

A entrevista de Maria de Lourdes evidencia o que notou Brandão (2007): a Folia de Santos Reis é um denso exemplo da maneira como a sociedade camponesa cria e consagra relações sociais e simbólicas entre diferentes categorias de pessoas e grupos, no interior da família, da parentela, da vizinhança, da comunidade. Ela é a unidade móvel de artistas e de devotos que difunde a notícia anual do nascimento de Jesus Cristo. Ela é um ritual errante, entre casas e casas, e antecede a uma festa religiosa popular: a celebração do “Dia de Santos Reis”, em seis de janeiro.

A própria festa é um enorme mutirão. Muitas pessoas de um povoado rural, ou de um bairro ou mesmo de vários deles, compartilham dos preparativos da Festa. Segundo Brandão (2007), tanto a casa do festeiro quanto as casas do “giro” e dos “pousos” são decoradas para a passagem da Folia ou para a realização da Festa. Familiares encarregam-se das inúmeras tarefas de preparar o local e fazer a comida. Parentes e vizinhos oferecem-se, ou são convocados, para “um adjutório”. Evidenciando a convivência dos gêneros, meninos e meninas em idade de trabalho participam ativamente das várias tarefas de preparação. A mesma comida cotidiana multiplica-se entre panelões e fornos de barro. Há pessoas que fazem promessas de preparar ou servir a comida dos pousos ou da festa de Santos Reis.

Durante os dias de caminhada, os foliões passam por várias casas. Em cada uma, todos os presentes e participantes vivem por momentos uma pequena sequência de trocas codificadas de gestos, de palavras e de objetos. Os foliões cantam e anunciam, ao dizer quem eles são e para que vieram, o rito de que são parte, conforme descrito anteriormente. Na perspectiva de Brandão (2007, p. 18), “E, cantando, anunciam a história popular do nascimento do Natal. Um Natal sem renas, sem Papai Noel, sem neve e sem ‘Noite Feliz’”.

Normalmente, os moradores das casas os recebem, seguindo padrões tradicionais de acolhida. Marido e mulher e, se possível, os filhos e outros parentes, esperam na porta da casa pelo grupo de devotos cantadores. Nas áreas rurais tradicionais, não é raro que o marido vá esperar a Folia na porteira, ou em um “arco” construído e decorado para o evento, enquanto a mulher e os filhos menores aguardam a chegada de todos na porta da casa. Para Brandão (2007), em um momento do cantório, a bandeira de Santos Reis é passada ao dono da casa, que deve entregá-la à esposa. Ela passará com a “guia” por todos os cômodos da casa, com o intuito de abençoá-los. Feito isto, ela deverá colocar a bandeira na parede acima do pequeno altar onde um terço poderá ser rezado, se for pedido por “alguém da casa”. Ou então deverá segurá-la, diante dos foliões, durante o tempo em que cantam o “peditório”, o “agradecimento” e a “despedida”.

O que a pesquisa de campo evidenciou em João Pinheiro foi a Foliás de Reis enquanto espaço de convivência religiosa entre homens e mulheres, jovens e velhos, pobres e ricos, devotos e foliões e não espaço de luta³¹. O que não quer dizer que na organização das festas não existam conflitos. Ao longo dos quatro anos de pesquisa de campo, foi possível presenciar muitos conflitos, que aconteciam por coisas simples, como decidir a trajetória do grupo, por excessos de bebidas, por disputas pelo posto de capitão e pela disputa do cargo de presidente da Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro.

Para que um ritual religioso popular cumpra o que se espera dele, é necessário que tudo seja feito levando em conta as regras rigorosas de conduta. Todos os momentos são prescritos e, neles,



todos os gestos individuais e coletivos também. Alguns versos podem ser improvisados, mas os atos que os acompanham não. Cantos, rezas, posturas de corpo, detalhes de trocas entre pessoas – entre foliões, entre foliões e moradores, entre foliões e promesseiros acompanhantes – necessitam ser, ao longo de cada jornada anual, rigorosamente cumpridos em cada casa, em cada momento de chegar, de pedir, de comer, de agradecer, de abençoar, de partir, para que tudo seja a repetição de um demorado momento de culto coletivo que reinventa uma tradição acreditada, porque se repete todos os anos da mesma maneira. Tudo deve ser feito como sempre foi, para que tudo seja como todos sabem que é e acreditam que deva ser (BRANDÃO, 2007). E, para tanto, é imperativo uma boa convivência entre homens e mulheres nas folias.

O trabalho feminino, que para muitos estudiosos do assunto são invisíveis, em João Pinheiro tem muita visibilidade e reconhecimento pela população local. As floristas, cozinheiras e foliãs são conhecidas pelo nome. Elas marcam espaço na sociedade local. Os dois grupos de folias compostos por mulheres são motivo de orgulho para os foliões de João Pinheiro como destaca José Fábio presidente da Associação do Folião de Santos Reis de João Pinheiro,

Você pode observar a hora da apresentação da Folia Feminina o salão fica cheio, todo mundo que assistir a apresentação delas. Sabe? Folia Feminina é muito raro, eu só sei daqui e de Vazante, você precisa por isto no seu trabalho, João Pinheiro está na frente. Tem grupo de Folia de mulheres, a Dona Dionísia não veio este ano, porque ela não está bem de saúde, mas a Folia Feminina está ai, fazendo o maior sucesso!¹²

No entanto, é preciso ressaltar que embora as mulheres das Folias de Reis de João Pinheiro não sejam invisíveis aos olhos da população local, o ritual das folias é um espaço de manutenção da ordem social existente, portanto tende a reproduzir a predominância dos ideais machistas tão comum na sociedade em questão.

Notas

¹ Membro da Folia Feminina, responsável pelo armazenamento dos instrumentos do grupo.

² Assentamento de reforma agrária no município de João Pinheiro, localizado a 30 km da cidade.

³ Associação responsável pela manutenção do Abrigo de Santana, entidade que recebe parte das doações dos bens arrecadados nos giros pelas Folias de Reis.

⁴ Os foliões de João Pinheiro denominam de **esmola** todos os donativos recebidos durante o giro. Esses donativos podem ser produtos, animais ou dinheiro. Em alguns casos esses produtos são destinados a auxiliar na realização da festa, em outros são doados para instituições de caridade.

⁵ Normalmente na zona rural a folia gira por muitos dias, portanto o grupo necessita de um lugar para o **pouso**. Em alguns casos é feito o contato com o morador previamente e agendado o pouso, mas na maior parte das vezes o grupo chega sem avisar. Como eles mesmos falam “de surpresa”. Cabe ao morador providenciar cama e comida para os membros da folia.

⁶ Transcrição literal da oração realizada pelo Folião Dionísio no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09.09.2008.

⁷ Os mistérios são formados basicamente por um Pai-Nosso e 10 Ave-Marias. Cada mistério recorda uma passagem importante da história da salvação, segundo a doutrina **católica**, e cada terço é constituído por cinco mistérios.

⁸ [...] ato concreto de (re)criação, expressão e comunicação – *performance*, ação fugaz, autêntica porque única, não obstante ter referências em matrizes e sistemas simbólicos definidos que são, naquele ato, reproduzidos ou questionados (VIANNA; TEIXEIRA, 2008, p. 124).

⁹ Transcrição literal da oração realizada no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09.09.2008.

¹⁰ Transcrição literal do Bendito de Mesa, realizado no Assentamento da Formiga, pela Folia Feminina no dia 09/09/2008.

¹¹ [...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (ELIADE, 1992, p. 13-14).



- ¹² Narrativa cantada pelos foliões, de tons dramáticos e final hilariante.
- ¹³ Geraldo Martins da Mota, Padre Preguinho. Entrevista concedida a pesquisadora em 10.03.2009.
- ¹⁴ Lázara Estaquia Landi. Entrevista concedida a pesquisadora em 26.05.2009 durante a realização da festa.
- ¹⁵ Ilda Machado. Entrevista concedida a pesquisadora em 05.01.2010 durante a realização da festa.
- ¹⁶ Luiz Paulo da Silva. Agricultor aposentado, 63 anos de idade, capitão da Folia das Almas. Entrevista concedida à pesquisadora em 26.07.2008.
- ¹⁷ Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05.01.2008.
- ¹⁸ Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05.01.2008.
- ¹⁹ Nome de uma pequena localidade, resultante de um Assentamento de Reforma Agrária, localizado a 16 km de João Pinheiro.
- ²⁰ Nome de uma pequena localidade, resultante de um Assentamento de Reforma Agrária, localizado a 16 km de João Pinheiro.
- ²¹ Maria de Sousa, 63 anos, dona de casa. Entrevista concedida a pesquisadora em 05.01.2008.
- ²² João Batista da Silva. Produtor rural. Festeiro de Julho de 2008 na comunidade das Almas. Entrevista concedida a pesquisadora durante os preparativos no dia em aconteceu a festa.
- ²³ Almezina Rosa. Servidora de Escola aposentada. Entrevista concedida a pesquisadora em 12.02.2010.
- ²⁴ Mariana da Silva, 55 anos de idade, trabalhadora rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26.05.2009.
- ²⁵ Paulo Luciano, 27 anos de idade, trabalhador rural. Entrevista concedida à pesquisadora em 26.05.2009.
- ²⁶ Maria Aparecida dos Santos 52 anos de idade, trabalhadora do lar. Entrevista concedida à pesquisadora em 26.05.2009.
- ²⁷ Dona Tininha, dona de casa aposentada, 66 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 12.07.2008.
- ²⁸ Maria Terezinha da Silva, dona de casa aposentada, 70 anos de idade. Entrevista concedida à pesquisadora em 30.06.2010.
- ²⁹ Referindo-se à loja de produtos populares, normalmente importados da China.
- ³⁰ Maria de Lourdes Souza, 42 anos de idade, dona de casa. Alferes da Folia da Ruralminas II. Entrevista concedida à pesquisadora em 05 de Janeiro de 2008.
- ³¹ A autora aqui está se referindo a movimento feminista organizado.
- ³² José Fábio de Carvalho, 54 anos de idade. Presidente da Associação do Folião de João Pinheiro. Entrevista concedida a pesquisadora em 12/02/2010.

Referências

- BITTER, Daniel. *A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis*. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1996.
- BONESSO, M.: *Encontro de bandeiras: o ciclo festivo no Triângulo Mineiro*. Dissertação de mestrado em História. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, René Marc da Costa (Org). *Cultura popular e educação*. Brasília: Salto para o futuro/TV Escola/SEED/MEC, 2007.
- BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. *Memória do sagrado. Estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia e conhecimento*. 22 ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *Corpo, Sexualidade e Gênero: A Construção do Desvio na Justiça de Menores – Brasília (1960-1990)*. Tese de doutorado. Brasília: UnB, 2001.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil S/A, 1990.
- COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Alessio. *Contar história, fazer história – História, cultura e memória*. Brasília: Paralelo15, 2001.



- COSTA, Cléria Botelho da. et alii. *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15, 2002.
- DARNTON, R. *O Grande Massacre de Gatos*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FONTOURA, Sônia Maria. *Em nome de Santos Reis: um estudo sobre Folia de Reis em Uberaba*. Vol. 1. Min. Uberaba: Arquivo público de Uberaba, 1997.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. In: LOURO, G.L., NECKEL, J. F., GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade – um debate contemporâneo em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 53-65, 2003.
- MATTOS, Flora Maria Bojunga. *Mulher e velhice: reflexões para o próximo século*. In: STREY, M. N.; MATTOS, F.; FENSTERSEIFER, G.; WERBA, G. (org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 199-206, 2000.
- PESAVENTO, Sandra. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESSOA, Jadir de M. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.
- PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no sul de Minas*. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- SCOTT, Joan W. *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu, n. 3, Campinas/SP 1994.
- TEIXEIRA, João Gabriel Lima C. e VIANNA, Leticia C. R. *Patrimônio imaterial, performance e identidade*. IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. 1 CD-ROM.

* Recebido em: 18.02.2010.

Aprovado em: 24.03.2010.

** Doutora em Sociologia e Mestre em História pela Universidade de Brasília-UnB. Membro do Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a Performance – TRANSE (Sol/UnB).

